

Uma entrevista com Flávia Maria de Carvalho: Ensino de História e História Pública a partir do projeto “Histórias das Áfricas nas escolas públicas de Alagoas”

Ana Paula SILVA SANTANA¹

-Ana Paula Santana (AP): Olá, iniciamos nossa entrevista “Ensino de História e História Pública a partir do projeto ‘Histórias das Áfricas nas escolas públicas de Alagoas’”. Flávia Maria de Carvalho é professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), realiza pesquisas sobre a história de Angola e regiões da África Centro-Occidental, as relações de poder estabelecidas pelas elites políticas do antigo Ndongo, a história dos sobados e a escravidão africana. Possui mestrado em História pela UFF (2002) e graduação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 1999). Concluiu pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ com pesquisa sobre as relações diplomáticas entre o jaga de Cassange e o governo português em Luanda em finais do século XVIII. Atualmente, desenvolve pesquisas relacionadas às hierarquias sociais da África Centro-Occidental e à administração portuguesa em Angola nos séculos XVII e XVIII. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Territórios Atlânticos (GETA-UFAL) e, atualmente, realiza estudos voltados para o ensino de História da África.

¹Doutora pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto. Mestra pela Universidade Federal de Ouro Preto. Graduada em história licenciatura e bacharelado pela Universidade Federal de Ouro Preto. Professora de Ensino de História do curso de História da Universidade Federal de Alagoas. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas. Mariana. MG. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2209-7259>
E-mail: anapaulasantana.ufop@gmail.com

-AP: Olá, Flávia, é uma alegria entrevistá-la. Gostaria de começar perguntando sobre sua trajetória como pesquisadora e professora, especialmente no que se refere ao seu projeto de extensão “Histórias das Áfricas nas escolas públicas de Alagoas”, tão voltado para o ensino de História e a História Pública na atualidade.

-Flávia Maria de Carvalho (FM): Oi Ana, alegria pra mim poder conversar com você e poder contar um pouco das pesquisas que venho realizando.

Minha relação com a História Social da Escravidão começou quando eu estava no meio da minha graduação, mais especificamente quando eu comecei a estagiar no antigo Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC) que um setor da Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro. Posso afirmar que foi ali que eu comecei a entender o que era ser uma pesquisadora, e comecei a ver muito mais sentido na profissão que eu havia escolhido.

Nessa época as escavações do sítio arqueológico da Gamboa estavam em suas primeiras etapas. A região do Centro do Rio de Janeiro, hoje conhecida como Pequena África, passou a ser vista e valorizada como uma área de patrimônio em função da sua importância para as memórias e para as histórias das diásporas africanas e das culturas afro-brasileiras. Muitos vestígios foram localizados e passaram a ser investigados por uma equipe de arqueólogos e historiadores. Nesse momento eu estava lá como estagiária. Uma das descobertas mais relevantes foi a relacionada ao Sítio Histórico e Arqueológico dos Pretos Novos. Os escravizados que chegaram mortos no porto do Rio de Janeiro, ou que faleceram logo após o desembarque eram enterrados na região, e com o tempo os ossos foram localizados. A minha parte da pesquisa foi a de tentar identificar os registros de óbitos dessas pessoas, dessas vítimas desse crime brutal e extremamente violento que foi o tráfico de africanos. Lá fui eu entrar em um arquivo pela primeira vez, e foi no Arquivo da Cúria Metropolitana (que fica localizado na Catedral, no Centro do Rio) que tive contato com fontes manuscritas pela primeira vez. O *Livro de registro de óbitos da freguesia de Santa Rita* informava nomes e sobrenomes dados aos escravizados após o batismo, as chamadas “nações” que muitas vezes se referiam aos portos de embarque e não as origens étnicas de fato, e as marcas

que eram queimadas em seus corpos, evidenciando de forma dolorosa a condição de propriedade².

Em alguns casos o funcionário responsável pelo preenchimento do registro desenhava também outros tipos de marcas identificadas nos corpos dos africanos. Marcas com sentido totalmente diferentes das “marcas do tráfico”, eram marcas étnicas que carregavam sentidos, funções e significados para essas pessoas em suas comunidades originais. Essas marcas me tocaram e me mobilizaram e entender como um mesmo corpo evidenciava e carregava em si o significado da perda da liberdade, da transformação de um corpo livre nas Áfricas para o corpo lido pela sociedade da época como mercadoria. Fui lá eu escrever sobre marcas, de lá quis entender mais sobre esses homens antes do embarque com a motivação de entender como esses indivíduos se tornaram escravizados, com uma proposta de rever narrativas em que eles tiveram suas primeiras aparições nas Histórias que eu aprendi na escola quando já eram cativos. Cruzei o Atlântico e fui pesquisar as sociedades que atualmente fazem parte de Angola, e encontrei personagens que eu nunca tinha escutado falar: sobas, macotas, tandalas... e desde então venho estudando e escrevendo sobre esses povos da África Centro Ocidental, suas relações de poder, seus contatos com os portugueses, suas Histórias.

Os estudos sobre África estavam ganhando mais espaço no meio acadêmico e segui o caminho que fazia, e faz, sentido pra mim. Mostrar Histórias das Áfricas que sejam úteis para descaracterizar preconceitos, e combater toda e qualquer forma de racismo. Falo sempre em minhas aulas de História da África, que estamos formando professores antirracistas e todo conteúdo que trabalhamos tem esse propósito. Levar para as salas de aulas conhecimentos que precisam ser instrumentalizados para essa causa.

-AP: Obrigada, Flávia. Muito bacana ouvir sobre a sua trajetória de pesquisa, sobre a sua partida do arquivo até a pesquisa com História das Áfricas... Bem, agora sobre o projeto, você pode nos falar um pouco sobre os objetivos e demandas que a levaram a esse trabalho?

²*Livro de registros de óbitos de escravos da freguesia de Santa Rita – Rio de Janeiro (1824-1830).* Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

-FM: O projeto tem como principal objetivo a produção de materiais didáticos de diferentes formatos com conteúdos sobre Histórias das Áfricas e das Culturas Afro-Brasileiras, que reunidos serão disponibilizados para os professores da rede estadual de educação através de um Acervo Digital que possa ser utilizado como suporte teórico e metodológico para projetos de Ensino de História contemplados pela Lei 10639/2003. A proposta deriva de uma necessidade de aproximar pesquisas acadêmicas a formatos que possam ser usados pelos professores em seus cotidianos escolares para o desenvolvimento de práticas pedagógicas elaboradas para alunos do Ensino Fundamental II da rede pública estadual de ensino de Alagoas. Partindo das experiências junto aos alunos do curso de Licenciatura da UFAL identificamos a necessidade de aproximar a historiografia contemporânea sobre sociedades africanas das estratégias adotadas para o ensino de Histórias das Áfricas e das Culturas Afro-Brasileiras, promovendo dessa forma uma atualização dos recursos didáticos e através dos debates contribuindo para um processo de formação continuada dos professores voltada para uma educação antirracista. As narrativas sobre sociedades africanas ainda são muitas vezes interpretadas de formas equivocadas e que generalizam tanto aspectos culturais, quanto políticos e econômicos, e ainda ratificam leituras onde os africanos são apresentados como coadjuvantes de suas histórias. Desconstruir estereótipos é uma pauta necessária para uma educação decolonial que deve ser um instrumento para o combate as diferentes formas de preconceito, capacitando os professores para agirem em prol de uma educação antirracista. O projeto é focado principalmente nas Histórias das sociedades envolvidas com as Diásporas Atlânticas. O objetivo principal foi de criar um portal, um site que possa disponibilizar materiais úteis para a formação de professores comprometidos com a educação antirracista. O projeto contou inicialmente com financiamento da FAPEAL, e posteriormente se tornou um Projeto de Extensão da UFAL. Esses recursos foram destinados ao pagamento de uma bolsa de pesquisa para a aluna Maria Alice Araújo que acompanhou e contribuiu em todas as etapas do projeto. Nossa equipe éramos nós duas.

-AP: Certo. Você parte de quais referências teóricas e metodológicas para o desenvolvimento deste trabalho? Fiquei me perguntando pelos autores e autoras que

podem orientar nossos alunos nesses estudos de Histórias das Áfricas, Culturas Afro-brasileiras, lei 10.639...

-FM: A inclusão de conteúdos sobre história das sociedades africanas e das experiências desses grupos nas diásporas e nas sociedades coloniais trouxe à tona a necessidade da reformulação dos materiais didáticos utilizados no cotidiano escolar, e também de repensar essas formas de apresentar os personagens, os cenários e desconstruir visões eurocêntricas que foram responsáveis por construir visões equivocadas de hierarquias entre diferentes culturas e experiências e do uso problemático de conceitos como civilização, por exemplo. Novas metodologias e uma revisão desses conceitos precisa chegar nas salas de aula.

O projeto busca apresentar histórias afro-centradas das sociedades africanas. O principal referencial teórico que utilizamos são os trabalhos do historiador Joseph Ki-Zerbo, que fala sobre a necessidade de revisionismos historiográficos sobre as histórias que contaram e ainda contam sobre o continente, que é imprescindível a adoção de narrativas que enfatizam os protagonismos dos agentes africanos. Ki-Zerbo apresenta possibilidades de pesquisas que vão desde a utilização de vestígios arqueológicos, passando pelas formas de utilizar as oralidades, até mesmo a possibilidade do uso de documentos escritos pelos europeus a partir de críticas e revisões. Ela afirma que não se trata de uma História “revanche”, mas sim de uma História que precisa ser contada.

O historiador Robert Slenes também escreveu sobre o mesmo tema desse descentramento, dessa nova avaliação sobre definições de centro e periferia. afirmando que a partir da segunda metade do século XX as histórias que eram contadas sobre africanos de forma rasa, reducionista e de forma genérica não poderiam mais ser sustentadas em um contexto de revisão das formas de se pensar, produzir e escrever a História.

Outro debate importante é o combate às formas genéricas de pensar as sociedades africanas, tirar as especificidades das suas Histórias representa o apagamento das suas experiências, o que contribui para a ratificação de estereótipos e de padrões e tipos únicos de africanos. Chimamanda Adichie problematiza esse ponto em sua palestra (que foi publicada) O perigos de uma História Única.

O livro *Silenciando o passado: poder e produção da História* de Michel-Rolph Trouillot embasa nossas reflexões sobre quem define que conteúdos explorar e que conteúdos silenciar na historiografia, nos fazendo pensar nessa seleção de temas e perspectivas abordadas nas salas de aula. Que Áfricas andam sendo contadas aos jovens?

A expressão decolonial vem sendo muito utilizada para descrever essas novas metodologias, e acredito que o projeto possa ser caracterizado assim, mas ele é essencial antirracista em suas metodologias e em seus quadros teóricos.

-AP: Flávia, você pode nos falar um pouco sobre o site e o conteúdo divulgado até o momento?

-FM: Ana já te agradeço pela oportunidade de divulgar nosso trabalho. Agora o desafio é fazer nosso material chegar até os professores, e incentivar o seu uso.

O endereço eletrônico é o [Histórias das Áfricas nas salas de aula](#)

Nós elaboramos mapas interativos sobre África. A princípio foram dois mapas experimentais. Como não tivemos suporte de profissionais da área de informática, tivemos que encarar esse desafio. Utilizamos a plataforma padlet que é um recurso bem interessante para esses materiais interativos. O primeiro mapa é sobre a colonização europeia no continente africano, nele indicamos os principais grupos étnicos, idiomas, características do regime colonial, movimentos de resistência e de independência. O segundo mapa ilustra regiões da África Centro Ocidental no chamado período pré-colonial (séculos XV - XIX), informamos a localização de sobados, de rios, de fortalezas, de portos onde foram embarcados escravizados e áreas onde essas pessoas eram capturadas e os percursos percorridos até os barracões e feitorias. Esses mapas são exemplos que podem ser utilizados pelos professores, e que também podem incentivar a elaboração de novos mapas, inclusive pelos alunos.

O site também contém uma lista de e-books que podem ser baixados gratuitamente sobre História da África, Histórias das Culturas Afro-Brasileiras, Ensino de História da África e Educação Étnico-Raciais.

Indicamos também revistas acadêmicas, dossiês, artigos, entrevistas e podcasts com conteúdos de qualidade que podem ser utilizados pelos professores para embasar os planejamentos de suas aulas.

Também divulgamos sites interativos como o Slave Voyage que é o mais completo e importante banco de dados sobre as viagens dos navios negreiros, que permite uma ampla variedade de pesquisas, além de mapas, ilustrações, planos de aula, etc.

Sites de arquivos, de museus e bibliotecas que também disponibilizam material gratuito que podem complementar as informações que constam nos livros didáticos.

A proposta é que esse site seja atualizado com frequência, incentivando o acesso.

-AP: Ah! Tudo isso é muito interessante. Aproveito então para perguntar se você teria indicações de outros sites, leituras e conteúdos relacionados aos estudos sobre o ensino e as histórias das Áfricas?

-FM: Tenho sim Ana, e mais uma vez eu digo: é uma alegria poder estar aqui falando e divulgando conteúdos, pesquisas e materiais sobre Áfricas e Culturas Afro-Brasileiras. Tem muita gente boa produzindo e publicando, o que motiva ainda mais pensar em estratégias para que esses debates não fiquem restritos aos círculos acadêmicos e cheguem nas salas de aula.

Minha primeira indicação é o FFLCH - Núcleo de Apoio à pesquisa Brasil-África (NAP). O NAP é sediado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é uma unidade de ensino, pesquisa e extensão. O site conta com sugestões de materiais didáticos, mapas e palestras sobre história da África.³

Indico também o “Projeto Salvador Escravista”. O “Projeto Salvador Escravista” debate lugares de memória que fazem parte da História da Escravidão. Lembrar para não repetir é uma das propostas, assim como problematizar e refletir sobre que personagens são homenageados nos espaços urbanos em que circulamos. Podem ser consultados

³FFLCH - Núcleo de Apoio à pesquisa Brasil-África (NAP). Disponível em: https://brasilafrika.fflch.usp.br/sugestoes_materiais. Acesso em 24 de janeiro de 2025. FFLCH – Núcleo de Apoio à pesquisa Brasil-África (NAP). Disponível em: https://brasilafrika.fflch.usp.br/videos_palestras. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

verbetes, mapas e muitas informações que conectam as histórias do comércio transatlântico de escravizados diretamente com a cidade de Salvador.⁴

Um site muito interessante é o “Slavery images: a visual record of the African slave trade and slave life in the early African Diaspora”. O site disponibiliza mais de 12000 imagens que podem ser usadas em trabalhos de análises iconográficas, em projetos interdisciplinares, além de ser uma ferramenta para conhecer arte africana e arte produzida sobre África.⁵

O “Slave Voyages” que eu já comentei aqui é atualmente a ferramenta mais importante para os estudos sobre tráfico de escravizados. O site é produto de um projeto coletivo e colaborativo que tornou público registros das viagens dos navios negreiros. Ele permite pesquisas sobre regiões de embarque, de desembarque, nome das embarcações, suas bandeiras, nome de tripulantes, quantidade de escravizados embarcados, desembarcados, e muitos outros recursos.⁶

Para quem se interessar, essas indicações e muitas outras estão no site do projeto.

-AP: Ah, Flávia, muito obrigada pela sua atenção e disponibilidade. Foi uma alegria conversar com você e ouvir um pouco sobre esse projeto tão importante.

-FM: Eu que agradeço demais Ana. Uma alegria imensa conversar com você.

Referências Bibliográficas

Adichie, Chimamanda. *Os perigos de uma História única*. SP: Cia das Letras, 2019.

Ki-Zerbo. Introdução. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed). *História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

⁴Projeto Salvador Escravista. Disponível em: <https://www.salvadorescravista.com/mapa>. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

⁵Slavery images: a visual record of the African slave trade and slave life in the early African Diaspora. Disponível em: <http://slaveryimages.org/s/slaveryimages/page/welcome>. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

⁶Slave Voyages. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/>. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

Slenes, Robert. “A importância da África para as Ciências Humanas”. In: *História Social*, n. 19, segundo semestre de 2010, pp. 19-32.

Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e produção da História*. Ed. Cobogó, 2024.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 04/02/2025
Aprovado em: 15/08/2025